

O QUE  
A CRIANÇA  
NÃO PODE  
FICAR SEM,  
POR ELA MESMA.

PARTICIPAÇÃO INFANTIL NO PLANO NACIONAL PELA PRIMEIRA INFÂNCIA



O QUE  
A CRIANÇA  
NÃO PODE  
FICAR SEM,  
POR ELA MESMA.

PARTICIPAÇÃO INFANTIL NO PLANO NACIONAL PELA PRIMEIRA INFÂNCIA

# CRÉDITOS

Esta publicação  
é uma iniciativa da  
Rede Nacional Primeira Infância



## REALIZAÇÃO



COORDENAÇÃO  
Ato Cidadão - Paula Tubelis  
Instituto C&A - Priscila Fernandes

REDAÇÃO  
Maria Pia Parente

REVISÃO  
Guilherme Salgado Rocha

ILUSTRAÇÕES  
Tatiana Paiva

PROJETO GRÁFICO  
Irmãs de Criação

IMPRESSÃO  
Input Comunicação Visual Ltda

CONTATO  
[ato@atocidadao.org.br](mailto:ato@atocidadao.org.br)  
55 11 3666.5800

## AGRADECIMENTOS

À Novo Conceito Recrutamento e Pesquisa de Mercado e à Sense EnviroSell Pesquisas, pela parceria na realização deste estudo. Aos espaços que se prepararam e acolheram as crianças: especialmente Espaço Iguatemi e Espaço Funcional, em SP, Dataqualy, em Salvador, K.Duarte, no Recife. À Célia Nishio, pelo apoio ao Ato Cidadão e intermediação com os profissionais. À Udi Tarora e ao Francisco Soccol, pela análise dos questionários. Ao Ricardo Imaeda, pela contribuição na análise da pesquisa. Às organizações que fazem parte da Rede Nacional Primeira Infância e que estiveram ativas no Grupo de Trabalho deste estudo: Ato Cidadão, Cecip, Fundação Abrinq, Fundação Xuxa Meneghel, Instituto C&A, Instituto Zero a Seis e Ipa Brasil.

A todos que emprestam aqui sua capacidade de fazer e de sonhar uma infância mais feliz.

São Paulo – Abril de 2010

# SUMÁRIO

# CONVERSA COM A REDE

CRIANÇA, SUJEITO DE DIREITOS	11
A CRIANÇA INCLUÍDA NA CONVERSA	15
Um plano inovador pela primeira infância	19

# CONVERSA COM A PESQUISA

AS VOZES DAS CRIANÇAS BRASILEIRAS	21
Como escolhemos as crianças	23
Em que língua conversamos	24
Sobre o que conversamos	25
O caminho da pesquisa	26
O QUE A CRIANÇA NÃO PODE FICAR SEM	29
Hora de comer é sagrada	32
Criança precisa de casa e espaço	33
Família é ficar junto	34
Saúde é o que está dentro de nós	35
Escola é onde o aprender e o brincar deveriam andar juntos	36
O BRINCAR PERMEIA TUDO	39
OUTROS TEMAS RELEVANTES	43
A questão das mídias e tecnologias	45
O meio ambiente como pano de fundo	46
VALORES INFANTIS QUE O MUNDO NÃO PODE FICAR SEM	49
Relacionamento	51
Protagonismo	52
Visão sistêmica	53
ALGUNS DADOS SOBRE O PÚBLICO	55

# APRESENTAÇÃO



Esta publicação é um pedido para que pais, educadores, formuladores de políticas públicas, enfim, a sociedade, olhem para a criança como ser único e insubstituível na formação hoje do nosso país, e não apenas no futuro. Que a olhem como sujeito de direitos, sensível ao meio e às pessoas, perceptiva, intuitiva, profundamente ética em sua essência. Desde o seu nascimento, a criança nos conta o que precisamos saber sobre ela, baseada em sua sutil percepção do mundo e de si mesma. Por meio de gestos, olhares, sons, risos, movimentos do corpo e tantas outras formas de expressão, além da palavra, a criança é capaz de nos mostrar o que sente, do que precisa, o que não pode ficar sem. Se soubermos entender o que nos dizem, não apenas com os ouvidos, mas com todos os nossos sentidos, veremos como ajudá-las a crescer, de forma harmoniosa e saudável. E, com elas, nós também cresceremos.

No final de 2008, as organizações que fazem parte da Rede Nacional Primeira Infância se deram conta de que poderiam enriquecer o Plano Nacional pela Primeira Infância, em cuja concepção estavam imersas há mais de dois anos, se considerassem os pontos de vista de suas principais interessadas: as crianças pequenas. Surgiu então a proposta de uma pesquisa nacional, com crianças de todo o Brasil. É o Projeto Crianças na Rede, apresentado nesta publicação. Pela primeira vez, em nosso país, um plano que diz respeito às crianças considera o ponto de vista delas.

O Plano Nacional pela Primeira Infância contribui para a concepção das políticas públicas relativas aos cuidados e à educação das crianças pequenas. Envolve não apenas a educação infantil, mas tudo aquilo de que elas precisam para crescer saudáveis, seguras e capazes de aprender: saúde, nutrição, vida em família e em comunidade.

Esses temas foram trabalhados com crianças de diversas partes do Brasil, para saber o que para elas é importante, do que precisam, o que não podem ficar sem. Considerando a tenra idade de todas as participantes, técnicas de avaliação psicopedagógicas substituíram as discussões usuais. Temas e pontos de vista se revelaram em meio a jogos, desenhos, conversas e brincadeiras, durante os quais foram observados gestos, movimentação corporal, reações aos estímulos, jeito de se relacionarem com os demais e a descrição dos próprios desenhos.

O mais surpreendente foi perceber a clareza com que as crianças elegeram suas prioridades. Bons pais, antes de tudo, “os protetores da criança”, nas palavras delas.

Depois, casa e comida, que “sem casa vai morar embaixo da ponte”, e sem comida “fica doente e acaba no hospital”. Além disso, uma boa escola, em que brincar e aprender aconteçam simultaneamente, e um hospital alegre, pois “brincando a gente sara mais depressa”. Essa visão sistêmica faz parte da criança, que enxerga o mundo como uma porção de partes interligadas que fazem o todo funcionar. Como os adultos se esqueceram disso?!

Esperamos que esta publicação contribua para resgatar saberes e inspirar um novo olhar sobre a criança, como alguém que merece ser chamado a participar das discussões sobre coisas que dizem respeito à sua vida e ao seu mundo.

Recomendamos que os textos a seguir sejam lidos com todos os sentidos, entendidos com a mente e emoções, com respeito e surpresa por essas pequenas crianças que souberam revelar com tanta clareza aquilo de que precisam na vida, que não podem ficar sem. E, muito provavelmente, nem nós.

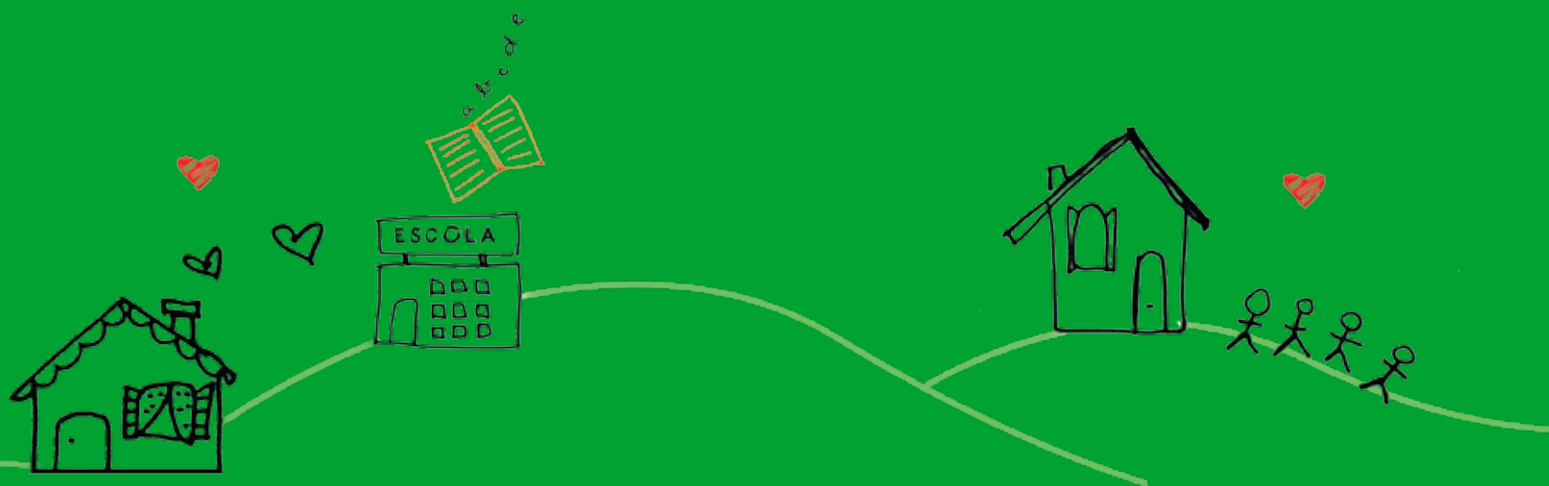




CONVERSA COM A REDE

**CRIANÇA,  
SUJEITO DE  
DIREITOS**

# CRIANÇA, SUJEITO DE DIREITOS





Sujeito é a pessoa que existe no tempo e no espaço, que sente, pensa, escolhe, sonha, percebe o mundo ao seu redor e se realiza na convivência com o outro. Ao mesmo tempo em que tem autonomia para viver sua própria história, faz as suas escolhas com base em regras, princípios e valores que levam em conta o que é melhor para si e também para o outro com quem convive.

Quando se fala na criança sujeito de direitos, fala-se de todos os direitos garantidos à pessoa, entre eles o direito de participar e expressar sua opinião livremente; buscar, receber e transmitir ideias e informações; direito à liberdade de pensamento e de crenças, sempre considerando a idade, maturidade e o estágio de desenvolvimento da criança.

Será que o mundo tem tratado a criança pequena como sujeito de direitos? Como alguém que pensa, tem percepções, sentimentos, desejos e motivações? Que se realiza na convivência com o outro, nas relações que estabelece, nas experiências que compartilha? Estamos levando em conta seus direitos quando mandamos a criança calar a boca, quando a excluimos de uma conversa da qual poderia participar, quando não consideramos suas observações, angústias, curiosidades e desejos de se sentir incluída no mundo? Quando não ouvimos o que ela nos diz por meio do choro, do olhar, do sorriso, do rabisco na parede, da reação que nos espanta?

---

A criança é um sujeito de direitos (não objeto de atenção), indivíduo (não massa ou número), único (insubstituível), com valor em si mesmo e como pessoa em condição peculiar de desenvolvimento. Com este princípio em mente, a Rede Nacional Primeira Infância assumiu a tarefa de coordenar o processo de participação social para elaboração e monitoramento das políticas públicas para as crianças pequenas, que deu origem ao Plano Nacional pela Primeira Infância.



A S L E  
C R I A

Small black silhouettes of people are placed around the letters: a person to the left of 'A', a person to the right of 'S', a person to the left of 'L', a person to the right of 'E', a person to the left of 'C', a person to the right of 'R', a person to the left of 'I', and a person to the right of 'A'.





# INSDAS NCCAS

CONVERSA COM A REDE

A CRIANÇA  
INCLUÍDA  
NA CONVERSA





# A CRIANÇA INCLUÍDA NA CONVERSA







O Plano Nacional pela Primeira Infância é uma carta de compromisso do Brasil com as crianças pequenas. Define objetivos e metas para políticas públicas e procura articular as ações dos diversos setores, da saúde à educação, da justiça à assistência social, para que elas formem um todo coerente e articulado, capaz de atender aos direitos da criança, mesmo aqueles dos quais menos se fala, como o direito de brincar e ter brinquedos, conviver em família e em comunidade.

O Plano foi idealizado pelas organizações que fazem parte da Rede Nacional Primeira Infância e construído de forma coletiva, somando contribuições vindas de todo o Brasil. Participaram organizações do governo e da sociedade civil, fundações de origem privada e agências ligadas à Organização das Nações Unidas (ONU). Depois de mais de dois anos de discussões e muito trabalho, a primeira versão do Plano ficou disponível na Internet, para consulta pública, de janeiro a abril de 2009. Pessoas e instituições, entidades e conselhos foram estimulados a analisar as propostas e enviar sugestões por e-mail. Houve quatro audiências públicas (Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo e Fortaleza) para apresentar, debater e receber sugestões.





Paralelamente, o Plano foi colocado em discussão, por assim dizer, com crianças pequenas de todo o país. Discussão muito peculiar, feita de jogos, desenhos e brincadeiras, muito mais do que de palavras, da qual emergiram temas não previstos no planejamento da pesquisa, mas propostos espontaneamente pelos pequenos. “Não poderíamos pensar em apresentar um plano para as crianças pequenas apenas a partir do que julgamos serem as necessidades da infância”, diz Gustavo Amora, secretário executivo da Rede Nacional Primeira Infância. Isso também não seria coerente com os princípios da Rede, que considera a criança como sujeito de direitos e, portanto, reconhece o seu direito de dizer o que pensa, ser ouvida e respeitada.

Só então, depois de ouvidas as crianças e parcela representativa da sociedade, o Plano Nacional pela Primeira Infância chegou à versão definitiva, pronta para ser entregue ao governo federal, a fim de ser analisada e levada ao Congresso Nacional para se tornar lei.



## UM PLANO INOVADOR PELA PRIMEIRA INFÂNCIA

Se já existem tantas leis que protegem a infância, por que a realidade do Brasil parece apontar para o seu abandono? Talvez porque nunca se tenha pensado em políticas públicas voltadas para o que há de mais essencial ao crescimento saudável de meninos e meninas: a família, principal cuidadora das crianças pequenas, e o brincar como direito. Segundo Vital Didonet, coordenador da elaboração do Plano Nacional pela Primeira Infância, a valorização desses dois temas exemplifica os aspectos inovadores da proposta da Rede.

O Plano Nacional pela Primeira Infância foi estruturado em quatro grandes pontos:

- No primeiro, são analisados os princípios que norteiam o documento: quem são as crianças, quem é responsável por cuidar delas, o que dizem as leis, quais são os seus direitos, quais as prioridades para as políticas públicas frente às crianças brasileiras.
- Na segunda parte são apresentados objetivos e metas de 11 ações fundamentais: Crianças com Saúde, Educação Infantil, A Família e a Comunidade da Criança, Atenção à Criança em Situações Especiais, O Direito de Brincar, A Criança e o Ambiente, Atendendo à Diversidade, Enfrentamento às Violências na Primeira Infância, Protegendo as Crianças da Pressão Consumista, Evitando a Exposição Precoce das Crianças às Mídias, A Criança e a Cultura.
- A terceira parte diz respeito às estratégias para alcançar os objetivos, entre elas a formação de profissionais para a primeira infância, a pesquisa para o avanço nas políticas para a infância, os meios de comunicação social, o papel do Poder Legislativo e o Orçamento.
- A quarta parte é reservada ao financiamento, acompanhamento, controle e avaliação.





CONVERSA COM A PESQUISA

**AS VOZES  
DAS CRIANÇAS  
BRASILEIRAS**

# AS VOZES DAS CRIANÇAS BRASILEIRAS



## COMO ESCOLHEMOS AS CRIANÇAS

O que pensam as crianças brasileiras? Meninos e meninas que vivem em pequenas cidades do Nordeste pensam como a criança paulistana? No Brasil existem mais de 23 milhões de crianças com até 6 anos de idade, com diversidade de repertórios, costumes e condições de vida que se poderia falar em muitos Brasis. Neste estudo não conseguiríamos abranger todos eles. Foram pesquisadas 95 crianças, de 5 e 6 anos, das cinco regiões do Brasil: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul, que, no conjunto, representam um pouco da diversidade brasileira. As crianças foram selecionadas por empresa especializada em recrutamento e pesquisa, equilibrando crianças

usuárias de serviços de saúde e educação da rede pública e privada, nas classes AB e CD. Ao todo, formaram-se 16 grupos, com média de seis participantes, em nove capitais: São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Brasília, Recife, Porto Alegre, Florianópolis, João Pessoa e Manaus. As crianças foram agrupadas segundo norma de classificação conhecida como 'teoria do pequeno grupo social'. Desta forma, 12 grupos foram compostos por crianças de mesmo nível socioeconômico, moradoras da mesma região. Os quatro restantes foram mistos, a fim de investigar como se dá a dinâmica quando existe diversidade, o que acontece quando crianças de diferentes níveis socioeconômicos se juntam.

---

### DIFERENTES NO TER, IGUAIS NO SER

A pesquisa se valeu do recorte das classes sociais como parâmetro, para falar em diferenças e semelhanças. Em primeiro lugar, porém, está a criança. Por mais que tenham vidas diferentes e frequentem meios, escolas e hospitais distintos, são muito semelhantes em seus valores e nas percepções das necessidades humanas. O trabalho com todas as crianças foi igualmente lúdico, divertido e criativo. As diferenças aparecem, de fato, nas coisas materiais: qualidade das roupas, variedade de brinquedos e repertórios, e possibilidades de diversão. Interessante observar que, muitas vezes, as crianças de classe mais baixa se mostram mais criativas do que as demais, pois foram ensinadas pela vida a inventar coisas do nada. Mais do que a classe social, o que parece fazer a diferença é a família de mente mais ou menos aberta, a escola que dá mais ou menos liberdade para brincar, mais ou menos recursos para aprender. As crianças de classes mais favorecidas apresentam muitos recursos, agendas e compromissos, enquanto as demais têm mais liberdade, mais brincadeiras.

Em geral, as crianças percebem a realidade umas das outras: quem tem muito consegue enxergar aqueles que têm pouco ou nada; quem tem pouco, sabe que não está sendo atendido em suas necessidades básicas, mas também sabe que tem criança vivendo pior. No ter, existem mesmo muitas diferenças, mas no ser as crianças são profundamente iguais.

## EM QUE LÍNGUA CONVERSAMOS

As crianças pequenas se expressam não apenas com palavras, mas também por gestos, sons, risos e movimentos do corpo. Sua linguagem preferida é o brincar, e a pesquisa foi, na verdade, uma grande brincadeira. As discussões, usuais nos grupos de adultos, foram substituídas por técnicas de avaliação psicopedagógicas, a partir do que a pesquisadora chamou de laboratório criativo, baseada na observação do brincar, respostas aos estímulos oferecidos e nas falas, que pintam um quadro das percepções das crianças.

A pesquisa partiu de pressupostos de Piaget e outros precursores da visão construtivista, partidários da ideia de que o ser humano constrói o conhecimento. Foram usadas também outras técnicas de autores respeitados nos meios acadêmicos, capazes de contribuir para desvendar o universo da criança. O trabalho foi conduzido por pesquisadora experiente, apoiada por uma psicopedagoga, que participou ativamente de todos os grupos: fotografando, conversando com as crianças, registrando, observando.

“ Fizemos conversas e jogos verbais sobre as prioridades, em grupo e individuais. Os brinquedos contavam sobre interesses, estímulos e afetos; usamos papel, lápis, canetinha hidrocor para desenhar a casa, a família e coisas que costumam fazer juntas. A realidade se misturou com o sonho, com casas trazendo quintais floridos que não existiam de verdade. Usamos fantoches para representar os temas, e aí surgiram histórias sobre a escola, sobre o hospital, vieram muitas coisas. ”

DEPOIMENTO DA PESQUISADORA FÁTIMA BELO





## SOBRE O QUE CONVERSAMOS

Na etapa de planejamento da pesquisa, seis organizações da Rede Nacional Primeira Infância se reuniram com a pesquisadora para definir o que deveria ser levado para as crianças, e chegaram a quatro temas fundamentais: Família e Comunidade; Saúde; Educação e Escola; e Brincar (sendo Brincar também o principal recurso da própria pesquisa).

Tecnologia, Mídia e Consumo deveriam entrar como pano de fundo, considerando os impactos desses temas na vida das crianças.

A pesquisa deveria ser iniciada com abordagem livre, deixando aflorar os temas trazidos pelas crianças. Em um segundo momento, seria feita abordagem estimulada, a fim de levar para a roda os temas selecionados pela Rede Nacional Primeira Infância. No entanto, as crianças surpreenderam. Além dos temas que a Rede havia relacionado, elas ainda incluíram mais alguns, fundamentais, revelando clareza e pragmatismo. Colocaram comida, família e casa no rol das necessidades básicas, próximas, elementares. Em seguida, o hospital e a escola, como complementos externos fundamentais. E o brincar, permeando tudo, como algo indissociável: “Brincar deixa a gente feliz”. Apareceram ainda a violência, a exposição precoce à mídia e a questão das diferenças, estimulada pela presença de crianças com alguma deficiência que, casualmente, fizeram parte de algum grupo. E acrescentaram também o tema do trabalho, explicitamente relacionado ao dinheiro. Deixaram claro que sabem que custa dinheiro o que precisam: “Se não tiver, falta coisa em casa”.

“ As crianças conseguem surpreender: colocaram dois temas que não estavam nas prioridades da pesquisa e estão entre as necessidades mais básicas e, portanto, mais legítimas do ser humano: comida e casa. As crianças revelam, em cores e em uníssono, que sabem exatamente o que não podem ficar sem: criança não pode ficar sem comer e sem beber. E não pode ficar sem casa. Isso veio livremente de todas as crianças. ”

DEPOIMENTO DA PESQUISADORA FÁTIMA BELO



## O CAMINHO DA PESQUISA

O papel da pesquisadora é entrar no mundo das crianças, criado e recriado a cada momento, a cada nova ideia, a cada novo estímulo. Ela parte do princípio de que não sabe nada. Se a criança diz que a comida é importante, perguntamos por quê. É mesmo? Como ficamos sem comer? Ela investiga a partir das pistas fornecidas pelas crianças, entrando na linguagem que está fluindo naquele momento. É preciso aproveitar os ganchos, trabalhar o tema quando ele aparece. Por isso o roteiro é orgânico, vivo, vai seguindo as crianças. Se os temas não aparecem, estimule com perguntas: e isso?

A pesquisadora puxa os fios pela corda que tem na mão naquele momento: se é a representação, é a representação. Por exemplo, em determinado momento acontece confusão na escola: “cadê a professora?” Ninguém quer ser a professora. Então a pesquisadora entra como personagem e para com a bagunça, se apropriando da linguagem daquele jogo. É preciso estar disposta a abrir mão de roteiro preconcebido, pois se aquilo não fizer sentido para a criança, ela não vai entrar. “Se você perguntar isso de novo, eu vou embora”, diz uma criança diante da insistência desnecessária da pesquisadora.

Outro ponto essencial é o ritmo: intercalar jogos e conversas, brincadeiras e desenhos, inspirar e expirar, para dentro e para fora. E observar sempre. Se as crianças estão cansadas, os paninhos viram cama e lençol para, daí a pouco, voltar todo mundo com gás.

É importante não esquecer, em momento algum, que as crianças têm demanda enorme de relacionamento, de alguém disponível para olhar para elas e escutar o que têm a dizer. Quando crianças que não costumam ter muita atenção encontram pessoas disponíveis, disputam a sua atenção o tempo todo: “Olha eu aqui, olha eu aqui!”.

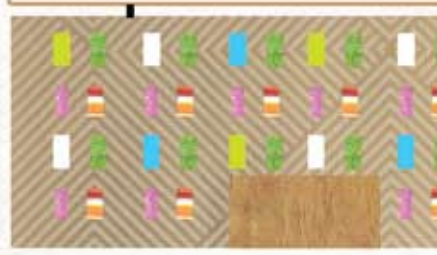


## RECURSOS UTILIZADOS PARA APOIAR A PESQUISA E ESTIMULAR AS CRIANÇAS

- Conversas e jogos verbais sobre as prioridades: em grupo e individuais;
- Brinquedos trazidos de casa, contando sobre interesses, estímulos e afetos;
- Papel, lápis e canetinhas coloridas, para desenhar a casa, a família e coisas que gostam de fazer juntas;
- Fantoques usados para representar situações na escola e no hospital;
- Panos coloridos que viram travesseiro e lençol na hora de descansar e servem de apoio para as representações;
- Trabalho livre com sucata (caixas, embalagens vazias, sobras, retalhos; tesoura e fita crepe), para um brincar livre, revelando processos criativos, expressão e plasticidade na interação com diferentes materiais.



ESCOLA





HOSPITAL

PRONTO SOCORRO

CONVERSA COM A PESQUISA

O QUE  
A CRIANÇA  
NÃO PODE  
FICAR SEM

O QUE A CRIANÇA  
NÃO PODE FICAR SEM





As crianças surpreendem pela clareza com que distinguem as necessidades básicas das demais necessidades. De um lado, relacionam o que é alicerce, o dentro, aquilo que não dá para ficar sem de jeito nenhum: comida, família e casa, o tripé básico. Do outro, o fora: hospital e escola. E o brincar, permeando tudo. “Sem brincar, a criança fica triste, fica muda”. Também deixam claro que não dá para separar uma coisa da outra, pois está tudo conectado. Em sua visão intuitiva do todo, é difícil excluir e hierarquizar. Não dá para dizer, por exemplo, o que é mais importante, se casa ou família: “Sem família não tem quem cuide e sem casa vai para debaixo da ponte”. Casa e escola estão igualmente interligadas, assim como comida e escola: “Se não tiver casa fica na rua, não dá pra estudar. Sem escola fica burro”, e “se não comer fica doente, e se estiver doente não dá para ir à escola”. E há ainda um terceiro tema, que se insere nessa

teia de necessidades: dinheiro e trabalho. O que precisam custa dinheiro, por isso não dá para ficar sem: “Se não tiver, falta coisa em casa”.

As crianças apresentam uma verdadeira cesta básica de necessidades humanas, em que a mídia e as tecnologias aparecem somente como instrumentos, embora tenham impacto forte sobre suas vidas. “Criança precisa de tevê?”. “Não. Mas é gostoso ver tevê”. “Dá para ficar sem?”. “Dá, até dá!”. “Se ficar sem comer a barriga fica roncando, pode até ficar doente e morrer, mas se ficar sem televisão não acontece nada”.

O pano de fundo de tudo isso é a natureza, o meio ambiente, o meio onde estão inseridas: tanto pode ser o natural como o construído - o bairro, a cidade. Gostam das plantas, dos animais, ouvem tiros lá fora, sabem que tem bandido. Não dissociam nada, tudo faz parte.

## “HORA DE COMER É SAGRADA”

“Criança não pode ficar sem comida”. Foi a primeira resposta, em quase todos os grupos, independentemente da classe social e da história de vida, à pergunta: “Do que a criança precisa? O que não pode ficar sem?”. Curioso é que o alimento não fazia parte dos temas priorizados pela Rede. As crianças, no entanto, ressaltaram comida e bebida como primeira necessidade básica. Criança precisa comer muito e direito: “Se não comer fica branco, amarelo, roxo”. “Se não beber, fica desidratado”, e “saco vazio não fica de pé”. Mas tem que ser alimento bom, que promova a saúde, não pode ser qualquer coisa. Algumas falam de brócolis, beterraba e peixe, ou de macaxeira, bergamota e outras particularidades regionais, mas todas falam

de arroz com feijão, verduras, legumes, frutas, carne e leite. E sabem muito bem diferenciar o que é bom, faz crescer e traz saúde, do que é “besteira, porcaria”. Adoram doces, mas sabem que “açúcar engorda, estraga os dentes”. Até preferem o suco de caixinha, mas não duvidam que o suco natural, espremido da fruta, é o melhor. Isso não quer dizer que saber o que é bom implique escolher o que é bom.

Mas o que importa nisso tudo é a percepção do valor dos alimentos. Muda a classe social, muda a região do país, muda o repertório culinário, mas o valor é o mesmo. E do valor dos alimentos as crianças seguem muito rapidamente para o valor de ter o que comer.

E começam a falar dos mendigos, das pessoas que não têm casa e nem comida. “Tem criança pobre que não tem comida. É muito ruim”, “lá perto da minha casa tem um monte de criança sem comida; uma só tinha uma bolacha”, “é muito triste não ter comida, comer coisa do chão”. E falam disso com dor e compaixão, pois na sua visão de mundo ainda reconhecem no outro um igual.





## “CRIANÇA PRECISA DE CASA E ESPAÇO”

Desenhar a própria casa é sempre um bom recurso para usar com as crianças pequenas quando queremos saber sobre sua vida, sua família, elas mesmas. Mais do que contar sobre o lugar onde mora, a casa desenhada por uma criança revela a casa interior e também os seus sonhos. Uma casa linda, colorida, com arco-íris no céu, pode representar o desejo de uma criança que vive de forma precária, ou mostrar o quanto uma criança está bem, ainda que em cenário de faltas. Assim como uma casa escura, sem porta e janelas, pode ser o reflexo de família desestruturada.

A primeira ideia foi essa. Usar a casa como recurso de pesquisa. Mas as crianças decidiram que seria muito mais do que isso. A casa foi mostrada por elas como coisa essencial, que não dá para ficar sem.

Desenhar foi atividade silenciosa e concentrada. Além da casa, deveriam desenhar a família e uma atividade que a criança gostasse de fazer junto com a família. Quem terminasse conversaria com a pesquisadora falando do seu desenho.

Falas e traços, palavras e cores contaram muitas histórias e revelaram mais semelhanças do que diferenças entre as classes sociais. Assim como crianças que moram em boas casas não conseguiram passá-las para o papel, crianças que vivem em casas precárias conseguiram projetar o seu sonho, em gesto saudável e promissor. Desses gestos nasceu a casa nas rochas, de frente para o mar, “que eu vou construir para minha mãe”. A casa que não tem quintal, “mas eu desenhei um quintalzinho para poder brincar”. O menino com traços indígenas mostrou a casa sem televisão, “porque à noite meu pai leva a gente para ver a lua e depois a gente vai dormir”, em clara referência à felicidade revelada pelo valor das relações. Uma menina, muito fechada em si mesma, desenhou uma casa sem janelas. Outra criança, mal sabia desenhar e está a caminho da alfabetização. Como ela aprenderá a escrever se não consegue fechar o círculo? Entre outras coisas, o desenho mostra o estágio de desenvolvimento da criança, apontando para o melhor rumo a seguir.

A casa das crianças é boa e tem muito espaço. Casas ricas aparecem nos sonhos das crianças de classe CD, com piscina, de frente para o mar, revelando que a vida não roubou o sonho e o projeto que quer realizar. A casa das crianças também está muito ligada à saúde. Deve estar limpa, arrumada, com mesa para comer e papel higiênico. Se a casa estiver suja, com buraco na parede, “tem que tampar os buracos e pintar”. Onde há rato e inseto “tem doença e precisa acabar”. Nas crianças está muito presente a ideia de que “todo mundo precisa ter casa senão vai morar embaixo da ponte, vai ficar doente”. Mesmo as que vivem bem, sabem que não é assim com todo mundo, e se sentem solidárias. “Meu coração bate triforte quando vejo criança que não tem o que comer. Ela estava toda suja”.

## “FAMÍLIA É FICAR JUNTO”

Para as crianças, a família é tudo. “Sem família, a criança se perde na floresta e chora”, como no conto de João e Maria. Os pais são os “protetores das crianças”. Compram comida e as coisas de que precisam; dão carinho, afeto e “beijo de boa noite”. É também quem educa: “Quando eu faço alguma coisa errada meu pai diz: Arthur, Arthur, Arthur!”.

Para boa parte das crianças, “família é grande e bom”, e enfileiram tios, primos, o avô que já morreu e até o brinquedo preferido. De verdade, de verdade, “família é estar junto”. É interessante notar quantas composições diferentes cabem debaixo desse conceito: em famílias de pais separados, há criança que mora com o pai, com a mãe e o novo marido, com irmãos de outros casamentos, somente com a mãe ou somente com o pai. Tudo bem para elas, quando não existem conflitos. Ruim é quando “falta paz e alegria em casa, todo dia sai briga”, quando “minha mãe e a nova mulher do meu pai brigam”, ou quando “a casa não é alegre, minha mãe tem namorado, mas não pode falar”.

Olhando para os desenhos, as crianças abrem a porta de sua casa e começam a contar o que acontece lá dentro. Há mais famílias estruturadas e felizes na classe AB, mas dificuldades e tristezas não são privilégios das menos favorecidas. Na classe CD, mais da metade das famílias tem graves problemas materiais e emocionais. A coisa se complica quando os dois se juntam: não ter nada na geladeira para comer e ainda pai e mãe brigando.

A violência apareceu nas relações familiares, brinquedos e brincadeiras. Às vezes, vem camuflada, como na representação com fantoches, em que as crianças lutam, se estapeiam e dizem que estão brincando. A violência mostra a cara quando o pai chega tarde e dá briga “até no dia do meu aniversário”; quando o pai bate nas filhas e a mãe só chora; quando “o padrasto me xinga porque eu brinco de Barbie”; quando o menino fica sozinho porque os pais vão trabalhar; quando faltam dinheiro e comida em casa. Pior mesmo é “a família que não faz nada junto, fica triste”.

A família da qual as crianças precisam não é difícil de construir. Não precisa ter composição tradicional, nem viver dia e noite na santa paz. Pode haver divergência e passar por crise, pois ninguém está vacinado contra isso. O importante é não partir para a violência e o desrespeito, desmerecer, atropelar o outro. Tem que ficar junto de um jeito bom. Se faz bagunça, arruma. Se a parede está esburacada, bota cimento, não pode deixar a casa cair. Pode até dar briga de vez em quando, pode até chorar, mas depois faz as pazes e tudo fica bem. Os desenhos sugerem alguns ingredientes: passear no parque com a cachorra; a mãe regando árvore, o pai cuidando das flores; o filho equilibrando a bola na cabeça; passeio na floresta, patinando no gelo, a mãe dirigindo, o pai varrendo a casa: conversando, cozinhando, brincando de estátua. A receita é simples, qualquer um pode fazer. Basta estar junto.

## “SAÚDE É O QUE ESTÁ DENTRO DE NÓS”

Essa definição foi dada por um menino de cinco anos que, assim como a maior parte das crianças entrevistadas, não tem a menor dúvida de que saúde começa em casa, e se constrói com boa alimentação, boa família e hábitos saudáveis. Se não fossem tão pequenas daria para pensar que as crianças conheciam a definição de saúde da Organização Mundial da Saúde: “Mais do que ausência de doenças, o completo bem-estar físico, mental e social”.

“Se está doente, não sai de casa, só sai para o hospital”. “Para ir à escola tem que estar saudável”. E para ficar saudável, elas têm a receita: “Precisa comer bem, dormir, descansar, se agasalhar, tomar banho, escovar os dentes, não ficar de pé no chão, brincar no sol e ter a casa limpa, sem rato e mosquito, porque doença de rato deixa a gente sem respirar.” “Criança desidratada tem que tomar água de coco, se for gripe tem que ir para casa e tomar muita vitamina C, se tiver febre pinga dipirona na língua”. Sabem até nomes de princípios ativos de remédios...

Muitas histórias foram contadas no hospital construído pelas crianças debaixo da mesa, que foi coberta com toalha branca e povoada de panos e fantoches. Quem está doente, deita no chão e quase ninguém quer fazer esse papel. Em geral, o doente é o fantoche. A médica olhou línguas, “goelas” e pulsos; deu pílulas e chás invisíveis, escutou queixas e pedidos de brinquedos: “Quero soltar pipa, brincar de carrinho”. “Sem saúde a vida para. Não pode fazer nada”. “Doença é triste e doente não vai a lugar nenhum”.

O hospital das crianças é colorido, quentinho, gostoso. O médico tem brinquedos na mesa. O hospital de verdade “é dos doutores vestidos de branco”, mas as crianças acham que deveria haver outras cores, para ficar mais alegre, mais legal. “Branco parece que está doente, vai para o céu, vira fantasma e morre”. “O hospital é branco, a médica é branca...”. “O hospital está muito pálido, parece que vai desabar de tão branco”.

Diferentes dos hospitais particulares, descritos como grandes, limpos e confortáveis, com muitos médicos e enfermeiras, entre crianças que frequentam a rede pública apareceram bons hospitais e também “hospitais doentes de sujeira”, com grandes filas de espera e superlotação. “O hospital fede, tem que lavar com desodorante e falta doutor”, “pega doença porque dorme na mesma cama sem trocar a roupa”, e se pisar no chão “tem micróbio que come o pé”.

Nos hospitais reais médico não tem nome, é insípido e incolor, mesmo que seja legal. É só “o doutor”, “a médica”. No hospital construído pelas crianças, a médica era a doutora Muriel, doutora Suzana, doutor Renato. Acham importante saber o nome do médico, das pessoas em geral, embora para algumas tudo bem não saber. Quando se dá nome, se humaniza. Nomear é importante, dá individualidade, identifica, reconhece. No caso das pessoas, personaliza. Quem é o doutor? Sei lá, a gente vive em um mundo em que as pessoas não têm mais nome.

Mas, então, como o hospital poderia ser melhor? Antes de mais nada, “se estiver sujo, tem que limpar”. Depois, podia ser colorido e ter brinquedos. “Precisar não precisa, mas é bom. Não ajuda a sarar (porque brinquedo não é remédio), mas ajuda a ficar feliz!”. E bem que poderia ser mais humano nas relações, pois “doente precisa de carinho”.

## ESCOLA É ONDE O APRENDER E O BRINCAR DEVERIAM ANDAR JUNTOS

Aos seis anos de idade, boa parte das crianças já concluiu que “a escola é chata”, embora elas saibam muito bem que sem escola “fica burra” e “vai vender banana na feira”, ou talvez nem isso.

A escola costuma frustrar as expectativas das crianças, pois pouco se parece com o espaço de brincar e conviver que esperavam encontrar. Por que a escola divide o estudar calado, dentro da sala de aula, e o brincar falante, lá fora, no pátio? Criança nenhuma entende essa lógica: “A gente aprende com brinquedos, com amigos, com jogos, com a vida”. Além disso, seria muito mais divertido aprender brincando, porque “criança adora brincar”, “brincar deixa a criança feliz”.

As crianças que frequentam escola particular mostram a escola mais legal: rica, interessante, com profusão de estímulos e atividades. Elas “amam a escola”, e esse amor aparece no teatro de fantoches, que um grupo nomeou de “O menino que sempre quis ir à escola”. A escola chata é pintada como desorganizada, precária, bagunçada, e com viés de violência, relatado principalmente pelas crianças da rede pública. Nas representações, os fantoches se estapeiam. “Dei um soco no menino e quebrei o dente dele”, “eu preferia não ter que ir mais”. A violência mostra o rosto de muitos outros jeitos: na tinta descascada das paredes da escola, nas goteiras do telhado e na desigualdade que começa a se prenunciar nos primeiros anos escolares. Será que a origem da violência futura não está na infelicidade e expectativas frustradas que aparecem aqui? Até porque o desejo de ir à escola é muito grande: para lá que querem ir. Mas, cedo demais, muitas descobrem que não é bom.

Aos cinco, seis anos de idade, as crianças são praticamente iguais, em sua vitalidade e

vontade de apreender o mundo. Um são mais espertas pela experiência de vida mais livre e exercício da criatividade, inventando brinquedos a partir do nada. Outras são mais sabidas na escrita, em um acesso mais amplo que têm às coisas e às informações. Mas isso não significa grande coisa, até o momento em que as crianças começam a frequentar escolas desiguais, que geram aprendizados desiguais e oportunidades desiguais vida afora. Isso não deveria acontecer.

Entra em cena a professora. Quem vai ser? Ninguém se dispõe a ser professora, classe desvalorizada, que ganha tão pouco e com escassos recursos para lidar com crianças pequenas. A maioria não mostra saber o nome dela. Simplesmente a tia. As crianças mais atinadas dizem que “tia não é ninguém”, “é falta de educação chamar de tia, ela tem nome”, “professora é para ensinar; tia é para dar lanche”, revelando o quanto gostariam de ter uma professora, dona de saber e autoridade. É melhor ir para o recreio, a parte boa da escola, para recomeçar o pega-pega de fantoches, com intenso contato físico, luta e muita briga. Entra em cena a pesquisadora. Primeiramente, faz o papel da tia, boazinha, de fala mansa, logo engolida pelas crianças. Então assume outra postura e começa a falar fortemente: “Olha essa bagunça”, e se impõe como professora. As crianças param, cheias de dúvidas: “Você está brincando, né?”. E essa professora elas escolheram, em clara opção por uma escola melhor, com muita alegria, brincadeira e limites.

A escola das crianças “tem roda-roda, amarelinha e um jardim; tem massinha, desenho e artes; caderno, lápis e canetinha para aprender a matemática e a escrita”. Tem coisas práticas, úteis para a vida, como aprender a cozinhar e a jardinar, teatro de fantoches, oficina de sucata

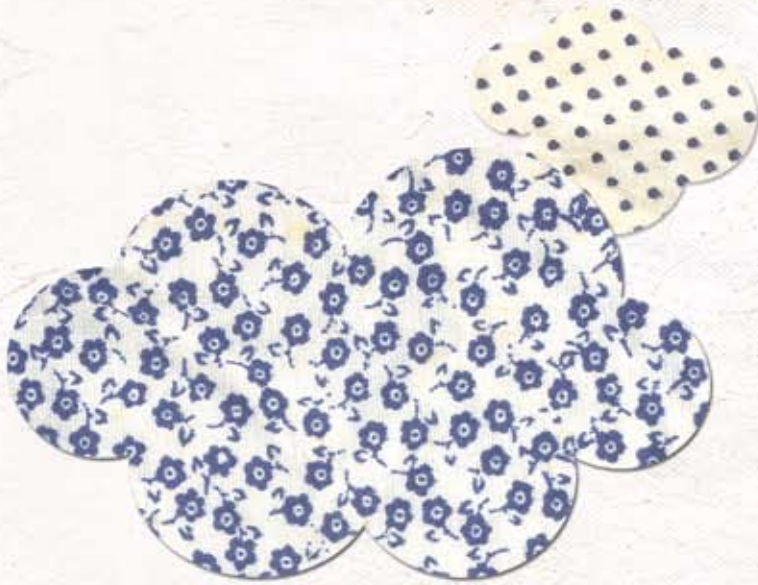
e “aula de brincar”, referência explícita às atividades organizadas pela professora. E aula de natureza para saber dos bichos, plantas e das pessoas. E, o que é mais importante de tudo, tem hora de falar, de cada um contar sua história e ouvir a história dos outros, de ser perguntado e saber o que cada um pensa sobre as coisas.

Criança adora falar e ser ouvida. E sabe ouvir também. Aprender e brincar andam juntos, e todas as coisas se conectam. A gente “precisa de comida para estudar, ficar grande, trabalhar e arranjar namorada”. Precisa estudar para ter dinheiro e comprar “uma casa nas rochas para a minha mãe”.

A escola das crianças “devia ser assim, que nem aqui”. Quem dá aula é a professora. Ela tem nome, fala forte e se faz chamar de “dona”. As crianças sabem quando é hora de parar a bagunça, e a “Dona Professora” sabe levar a coisa no ritmo delas, indo da brincadeira para a conversa, do pega-pega para um momento mais quieto e concentrado. O pensador alemão Goethe tem uma frase inspiradora que expressa o ritmo que mantém o mundo vivo:

“Duas graças há no respirar: inspirar o ar e dele se livrar. Inspirar constrange, expirar liberta. Tão lindo é feito da vida uma mescla. Agradece a Deus quando ele te aperta e agradece de novo quando te liberta.” Fica aqui o recado da importância de deixar a criança respirar e, mais do que isso, de expirar livremente.







CONVERSA COM A PESQUISA

**O BRINCAR  
PERMEIA  
TUDO**



O BRINCAR  
PERMEIA TUDO

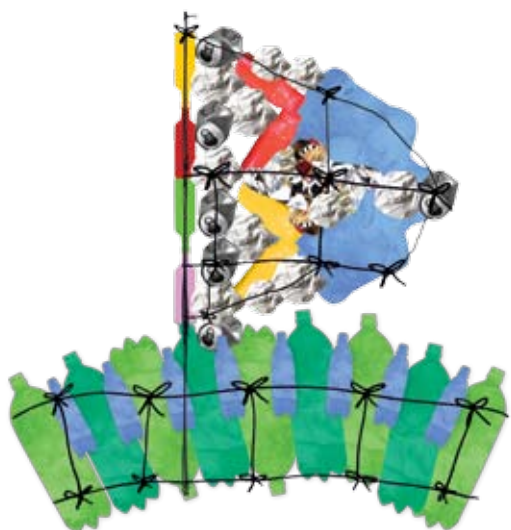




Brincar revela o universo infantil. Preenche seus dias, povoa sonhos, anima as falas. Brincar diverte, alimenta, ensina, cura e faz crescer. Por isso, criança quer brincar o tempo todo. Na rua, no quintal, na escola e até no hospital, “porque brincar deixa feliz”, “brincar ajuda a curar”. Com os brinquedos, a criança fala, se expressa, conta de si.

Durante a pesquisa, o brincar teve sua expressão mais livre nas atividades com sucata. Garrafas PET, caixas de papelão, embalagens de iogurte, latinhas, caixinhas, canetinhas, fita crepe, uma profusão de coisas colocadas à disposição das crianças, para fazerem o que tivessem vontade. Cheias de entusiasmo, iniciaram a exploração. Algumas, já com um projeto na cabeça, logo separaram suas coisas. Outras foram tateando sem saber bem o que faziam. Escolhidos os materiais, cada uma escolheu um canto, mesa, pedaço de chão, sozinha ou em companhia, e colocou mãos à obra. Começaram a empilhar, colocar dentro, justapor, sempre gesticulando, remexendo, conversando, cantando, rindo ou ficando caladas. Vieram a tesoura e a fita crepe, e as coisas foram se descolando dos significados originais, copo que é copo, garrafa que é garrafa.

Surgiram as primeiras formas transformadas, ainda difíceis de conceituar: “Isso aqui é...”; “ainda não sei”; de repente, “olha só o que eu fiz”... Algo sem nome, um picolé, comidinhas de plástico, que se tornam feijão, arroz, batata, bandeja com suco. Depois vieram construções mais sofisticadas: catapulta, binóculos, barco, máscaras. E no final a alegria da coisa construída: com nome, sem nome, esquisita, com utilidade, inútil, pouco importa, aquilo pertence a elas. Virou brinquedo, presente para o pai, para a mãe, para as pesquisadoras, virou objeto de orgulho. Cada objeto revela o percurso mágico das crianças, que transformaram copos, lixo, coisas que não eram nada, em objetos com significado e conteúdo. Exercitaram a coordenação motora, ajudaram-se mutuamente, pedindo ajuda e compartilhando materiais, usaram recursos internos para representar a realidade, fizeram coisas conhecidas, como barcos, porta-trecos e adereços, e coisas abstratas, sem uso definido, mas fontes de enorme prazer. O fato é que fizeram. Recortaram, colaram, juntaram partes, coloriram e se misturaram como iguais, pois brincar não requer experiência ou aprendizagem, e não vê diferenças. No brincar são todos iguais.



E pensar que o adulto muitas vezes pega aquele presente como se ainda fosse um nada, sem significado e sem valor. Sem saber que naquela embalagem de ovos nasceu o hospital de uma menina que, no começo da pesquisa, mostrava a língua, provocava a outra, e no final se tornou médica e curou uma mulher da dengue. Sem saber que no meio da sucata nasceu uma banda, inspirada por pequenos barulhos que se organizaram e ganharam ritmo, espalhando felicidade. Sem saber que ali suas crianças cresceram.





CONVERSA COM A PESQUISA

**OUTROS  
TEMAS  
RELEVANTES**



# OUTROS TEMAS RELEVANTES





## A QUESTÃO DAS MÍDIAS E TECNOLOGIAS

As crianças, principalmente nas grandes cidades, nasceram nesse estranho mundo em que as pessoas podem até não ter o que comer, mas não deixam de ter televisão, celular, computador e coleção de aplicativos e periféricos que garantem o seu pertencimento à aldeia global, à modernidade. Quem não tem, fica excluído do mundo. O que pouco se fala é que toda essa liberdade de acesso à mídia está substituindo o acesso às brincadeiras nas ruas, praças e quintais. Vale a pena refletir sobre o fato de que viver nas telas exclui as crianças do brincar simples e saudável, que alimenta os relacionamentos e faz crescer. O tal do acesso fecha as crianças dentro de uma visão pasteurizada do mundo, o mundo que passa nas telas. Quem tem menos acesso, pode até sair ganhando. As crianças com menos recursos acabam dominando distintas linguagens, como pega-pega, amarelinha, brincadeiras de roda, infinitamente mais adequadas para promover o seu desenvolvimento.

Algumas crianças chegaram e logo ligaram seu laptop, mostrando o Max Steel “pronto para

a batalha”. Esse herói da modernidade luta contra as forças da natureza. Por quê? “Porque ele é um lutador”. Mas o que ele ensina? A mídia, de modo geral, pouco ensina. Mas, em certo sentido, consegue ser mais eficiente do que a escola. Além de capturar o interesse das crianças, o faz de forma sistêmica: produto novo vai para cinema, TV, computadores e jogos; vai para roupas, calçados, revistas, figurinhas e brinquedos. A escola teria muito a ganhar com abordagem assim, em hipermídia, trabalhando com temas transversais, capazes de permear, a um só tempo, as aulas de matemática e escrita, artes e história.

As crianças brasileiras veem quase cinco horas de televisão por dia, concorrendo com o tempo diário na escola. Assistem a tudo, dos desenhos às novelas, dos telejornais aos programas humorísticos, não raro sem censura. Entretanto, com sua sabedoria peculiar, as crianças não confundem as coisas e não incluíram as tecnologias entre as necessidades básicas: “Dá para ficar sem.”

## O MEIO AMBIENTE COMO PANO DE FUNDO

Meio ambiente é natureza, e as crianças enxergam a natureza por toda parte. No mundo “que os humanos estão estragando, enchendo tudo de lixo”, na água “que vai acabar” e que está virando “enchente que arrasta tudo, pessoas e coisas”.

As crianças percebem a natureza nos animais que são “os melhores amigos do homem”. Contam histórias dos bichinhos que perderam, choram porque o cachorro morreu, sentem pena das “águas-vivas mortas na praia”. E quando falam de pessoas que andam sujas pelas ruas, de crianças que não têm o que comer, dizem que “o coração dói quando veem essas coisas”.

Criança enxerga natureza nas plantas, gostam de ajudar a mãe a regar o jardim, contam que há árvores e flores em casa. Um menino desenha uma casa com o quintalzinho que gostaria de ter. Alguns contam terem plantado uma árvore na escola.

Essas percepções vieram à tona durante a pesquisa, muitas estimuladas pela presença do solzinho, da árvore e estrela, recursos que deram a tônica em muitos enredos. Fizeram aflorar o amor pela natureza, o interesse em cuidar, aprender a plantar, alimentar as plantas.

Durante uma brincadeira, várias crianças subiram em uma árvore de fantoche e ela caiu. Todas se empenharam em recolocar a árvore de pé e fizeram chuvinha, imitando jato de água, para ajudá-la a se reerguer. “O que será que a árvore come?”, “o que eu preciso dar para ela?”.

As crianças enxergam a natureza conectada à vida e à saúde. Imediatamente relacionaram a imagem “do hospital doente, infectado”, que elas mesmas mostraram, com “a natureza doente e cheia de lixo”.





Crianças enxergam a natureza com olhos de quem está vendo tudo pela primeira vez. Por isso perguntam tanto sobre todas as coisas, querem saber sobre as plantas e os animais, cidades e pessoas. Não se deve perder a oportunidade de alimentar esse interesse tão vivo, no momento em que querem aprender sobre tudo, antes que comecem a tomar por sabido algo que nem sabem o que é. Antes que aprendam a passar pelas pessoas sem olhá-las nos olhos, a passar pelo mundo sem entender suas conexões.



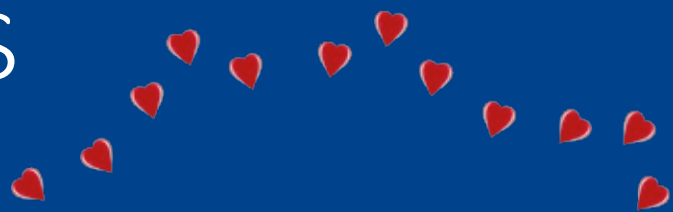




CONVERSA COM A PESQUISA

**VALORES  
INFANTIS QUE  
O MUNDO NÃO  
PODE FICAR SEM**

VALORES INFANTIS  
QUE O MUNDO  
NÃO PODE FICAR SEM



Este capítulo apresenta algumas coisas guardadas ao longo do processo da pesquisa. Coisas preciosas, que os adultos chamam de valores, e começam a querer resgatar. Para as crianças isso não tem nome. É algo que faz parte delas, unha e carne, mente e coração, pessoa e natureza. Se fosse possível dirigir o mundo com alma de criança, certamente seria melhor. Se não por outras coisas, pela sua forte sensibilidade diante das necessidades humanas. Foi impressionante ouvir as crianças falarem da dor: “Quando eu vejo alguém na rua, sem nada, eu fico de queixo caído”, e “o meu coração dói.” Elas veem e sentem tudo. Mas o que aprendem com o coração acabam esquecendo diante da postura dos adultos, espelho no qual se miram para ver o futuro. Além disso, as crianças ficam muito tempo diante do vídeo e das coisas prontas, que não sabem mais de onde vêm as coisas e como são feitas. O menino que olha o pai mecânico enxerga o coração do que ele está fazendo e quer ser mecânico. Muitas crianças mostraram interesse em aprender a cozinhar... Cozinha que é alquimia, arte de misturar coisas que se transformam em outras.

Há não muito tempo, víamos as coisas sendo feitas, em processo, o que estava acontecendo. Mas hoje tudo chega pronto, não é mais possível enxergar origens e raízes. E as coisas se desconectam.



## RELACIONAMENTO

“Deixa eu falar, deixa eu falar!”. De repente, estava todo mundo falando junto. A pesquisadora pergunta: o que acontece quando fala todo mundo junto? “A gente se embola todo”, diz o menino. E por vezes foi difícil colocar limites. Pois as crianças sentiram que ali, no espaço da pesquisa, existia uma boa escuta, gente com genuíno interesse em ouvir o que tinham a dizer. Parece raro acontecer. A tevê, o cinema, a escola, e a pressa dos adultos de modo geral costumam despejar conteúdos e mais conteúdos sobre elas, com pouca chance de devolução. As crianças pouco participam da construção do conhecimento: e agora que você ouviu tudo isso, o que pensou?

As crianças estão tentando se relacionar com a vida. “Eu andei na praia e encontrei um monte

de água-viva morta. Por que está acontecendo isso com elas?”. Tem alguém interessado em sua história, seu sentimento? Conversas perdidas, perguntas sem resposta, situações que intrigam. Faltam, na vida das crianças, canais de troca com o mundo, alguém que faça sua história virar conversa, relacionamento de verdade. “Você ficou triste?”, “que está acontecendo com a natureza?”. Há diversos elos que precisam ser religados, e as crianças sabem como. O menino que entornou a lata de lixo no hospital de fantoches está preocupado com “os humanos que estão enchendo o mundo de lixo”, mas também quer dar solução: “Precisa reciclar, mas eu não sei”. Nas crianças há essas questões e angústia. Porque escutam o mundo.

## PROTAGONISMO

As crianças pedem por protagonismo: sair desse mundo fechado das telas para fazer coisas. Elas precisam e querem pôr a mão na massa, aprender a cozinhar, plantar, cuidar do jardim. Mostram orgulho e felicidade quando podem ajudar: como o menino que ajuda o pai “a construir casas”, e outro que “cuida de parafusos e peças” na oficina mecânica. A vitalidade e a energia estão à flor da pele, é difícil lidar com as crianças. Elas têm energia física que as impede de ficar caladas, paradas, sentadas. Uma energia sem canal de circulação, que precisa ser aproveitada e concentrada em coisas com sentido. As escolas têm espaço para que as crianças corram e se movimentem? Em casa não estão confinadas, vendo o mundo passar nas telas? Toda essa liberdade de acesso às mídias e tecnologias não está limitando seu acesso às ruas, praças e quintais? Ou seja, usar as próprias energias de um jeito saudável? Esse estilo de vida não tem impacto na obesidade infantil? “Tevê é importante para as crianças não incomodarem os adultos”, diz a menina, sugerindo que há muita coisa para ser revista nas relações com as crianças.



## VISÃO SISTÊMICA

As crianças estão mergulhadas no todo, a nos lembrar que o ser humano nasce em simbiose com o meio e está indistinto dentro das coisas. E vai se diferenciando à medida que cresce. E quanto mais se diferencia, mais se separa. Na primeira infância, estamos no limiar, ponto em que a criança ainda não se separou, faz parte da alma do mundo, ainda enxerga as interconexões que sustentam a vida. O que é mais importante, a casa ou a família? “Os dois, pois sem família não tem quem cuide, e sem casa vira mendigo”. Saúde ou escola? “Os dois, porque se não tiver saúde não dá para ir para a escola, e sem escola fica burro”. O que é mais relevante salta aos olhos das crianças, e distinguem com clareza o que precisam muito, que não dá para ficar sem, daquilo que simplesmente gostam ou querem. Para as crianças, todas as coisas e pessoas, animais e plantas estão entrelaçados de forma sistêmica e não dá para separar ou excluir algo. Querem conhecer a natureza e saber como as coisas funcionam, e parecem mesmo intuir que não se pode mexer em uma coisa sem mexer na outra. Percebem a riqueza e a pobreza, as crianças que não têm casa e nem comida, que andam rasgadas, com o pé no chão. E se compadecem. Pois reconhecem no outro um igual. Por que os adultos estão querendo encurtar o tempo da infância se ainda temos tanto a aprender com as crianças?





65%





## ALGUNS DADOS SOBRE O PÚBLICO



# ALGUNS DADOS SOBRE A AMOSTRA

Realizaram a pesquisa:





Amostra: 16 minigrupos, com crianças de 5 e 6 anos, pertencentes a dois espectros sociais distintos  
 - C/D usuários de equipamentos e serviços públicos,  
 - A/B usuários de equipamentos e serviços privados:

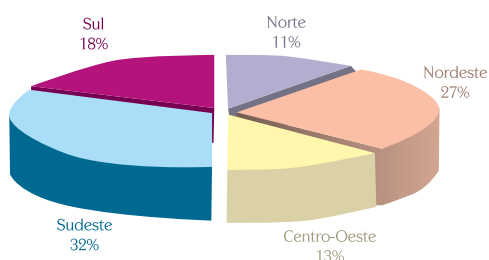
	TOTAL	A/B (serv. Privado)	C/D (serv. Público)	Misto A/B C/D
<b>Total Grupos</b>	<b>16</b>	<b>6</b>	<b>6</b>	<b>4</b>
<b>Região Norte</b>				
Manaus	2	G.9	G.8	-
<b>Região Nordeste</b>				
Recife	2	G.6	G.7	-
João Pessoa	1	-	-	G.5
Salvador	1	-	-	G.15
<b>Centro-Oeste</b>				
Brasília	2	G.3	G.4	-
<b>Sudeste</b>				
São Paulo	3	G.2	G.16	G.1*
Rio de Janeiro	2	G.10	G.11	-
<b>Sul</b>				
Porto Alegre	2	G.12	G.13	-
Florianópolis	1	-	-	G.14

\* G.1 = Classe B

### Distribuição geográfica

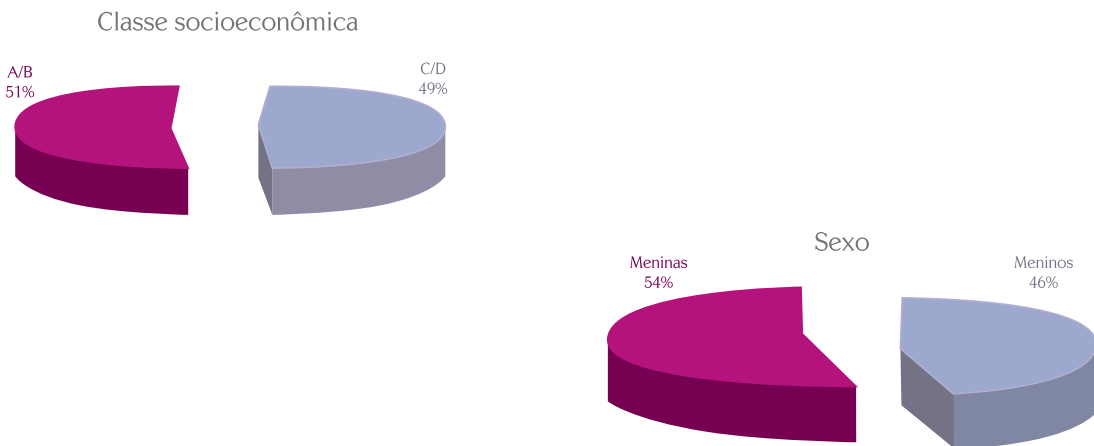
- 16 grupos de discussão em 9 capitais do Brasil, mais Brasília, distribuídos entre as 5 grandes regiões:
  - Norte
  - Nordeste
  - Centro-Oeste
  - Sudeste
  - Sul
- Cada grupo contou com a participação - em média - de 6 crianças, totalizando 95.
- Entrevistas prévias foram realizadas, para identificação da classe socioeconômica, em que foram abordadas questões relacionadas ao perfil familiar e atividades das crianças

Total	95	100%
<b>Norte</b>	<b>10</b>	<b>11%</b>
Manaus	10	100%
<b>Nordeste</b>	<b>25</b>	<b>27%</b>
Recife	12	48%
João Pessoa	7	28%
Salvador	6	24%
<b>Centro-Oeste</b>	<b>12</b>	<b>13%</b>
Brasília	12	100%
<b>Sudeste</b>	<b>30</b>	<b>32%</b>
São Paulo	18	40%
Rio de Janeiro	12	60%
<b>Sul</b>	<b>18</b>	<b>18%</b>
Porto Alegre	12	71%
Florianópolis	6	29%



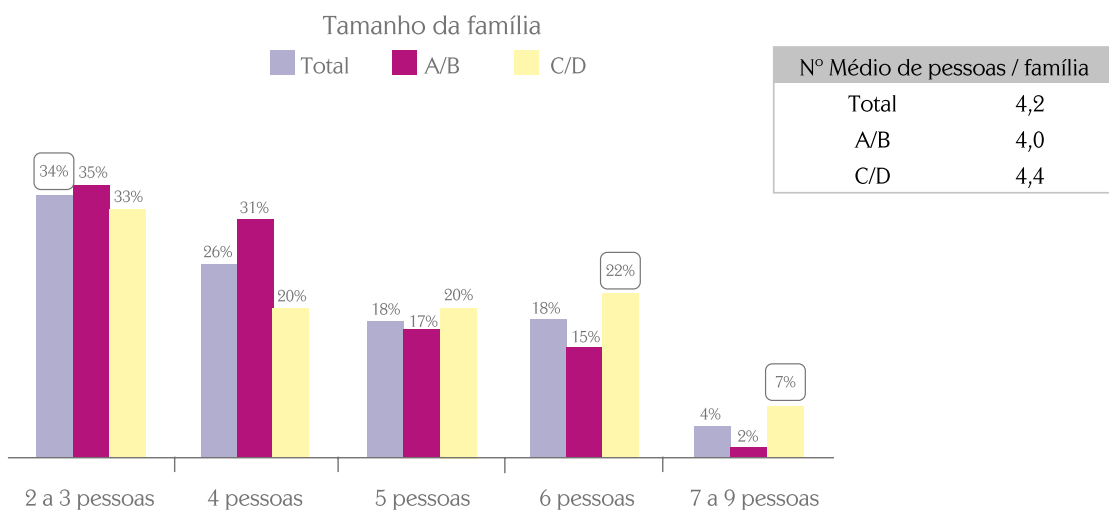
## Perfil socioeconômico das crianças participantes (amostra)

- Mesma proporção de classes A/B e C/D e também de meninos e meninas (num total de 95 crianças)



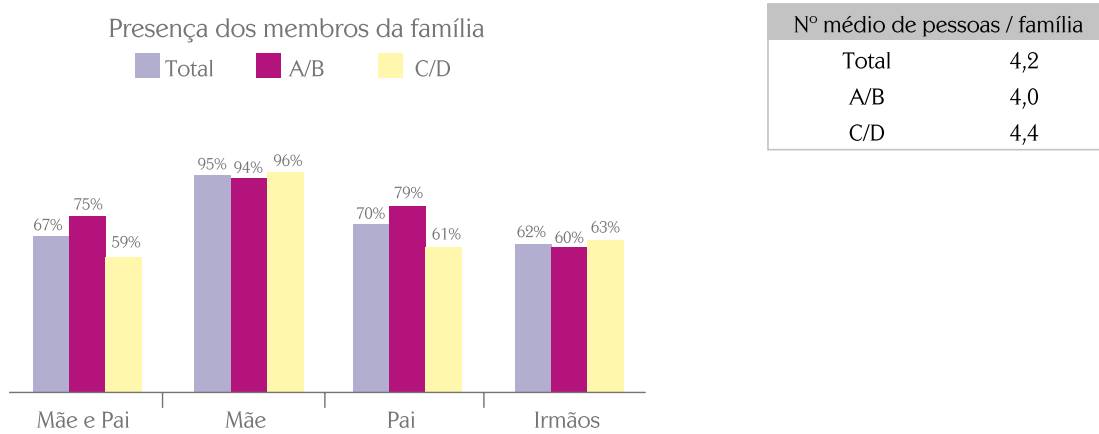
## Composição familiar

- Crianças de classe C/D pertencem a famílias com tendência a serem mais numerosas
- No entanto, um terço da amostra, independentemente da classe socioeconômica, pertence a famílias pequenas, com 2 a 3 membros



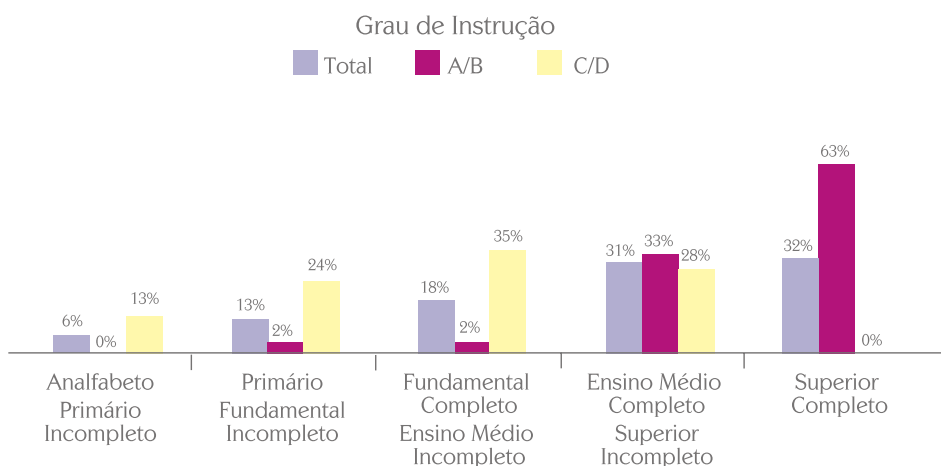
## Composição familiar

- Praticamente todas as crianças desta amostra contam com a presença da mãe em casa, independentemente da classe socioeconômica
- 67% das famílias são compostas de pai e mãe: mais numerosas na classe A/B
- Na classe C/D é mais frequente a ausência do pai
- 62% das crianças entrevistadas têm pelo menos um irmão



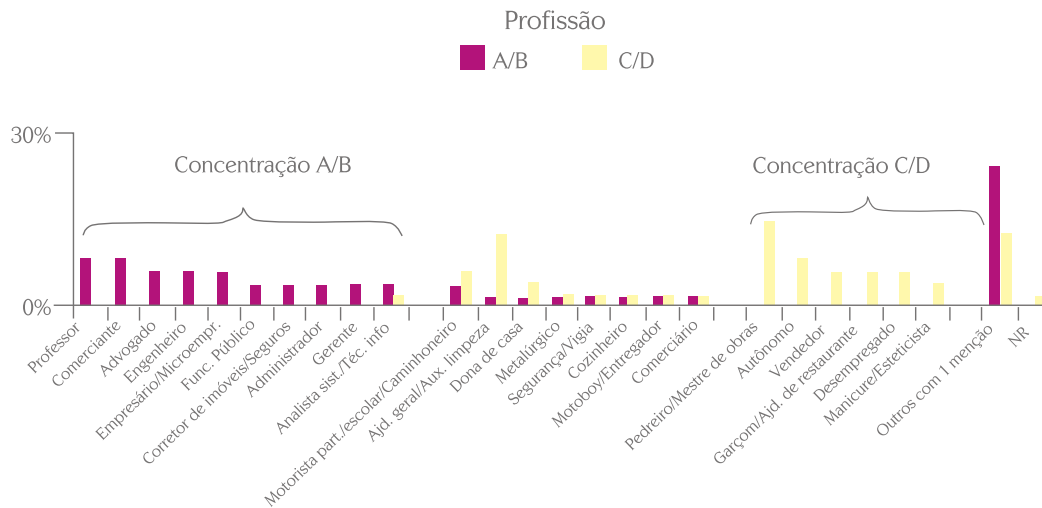
## O chefe da família

- Mais da metade (63%) dos chefes de família A/B possui superior completo, o restante tem pelo menos o ensino médio completo
- Chefes de família C/D se concentram mais nas faixas intermediárias de escolaridade: 63% entre ensino fundamental completo e ensino médio incompleto



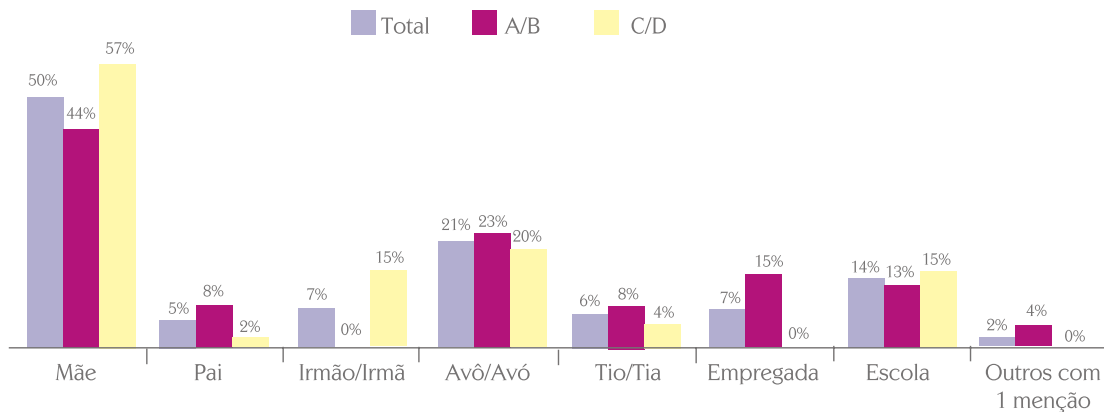
## O chefe da família

- Apesar da grande dispersão entre as mais variadas profissões/ocupações, é nitida a diferença das ocupações dos chefes de família de classe A/B daqueles de classe C/D



## As crianças

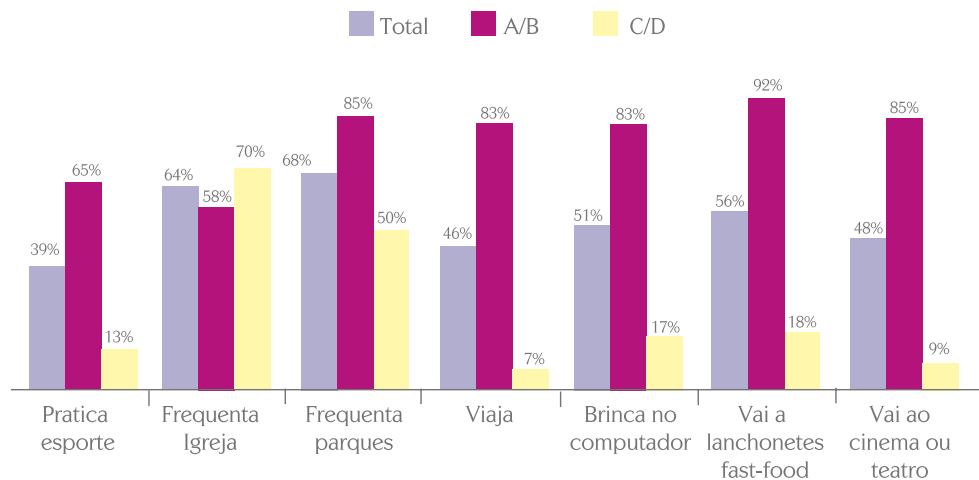
- A mãe - presente em praticamente todos os lares - é quem fica a maior parte do tempo com a criança, o que se observa com mais intensidade nas famílias de classe C/D
- Os avós (e escola) são os outros cuidadores, com quem ela passa a maior parte do tempo
- Apenas 7% do total de crianças passam a maior parte do tempo com a empregada: todas classe A/B



A soma dos percentuais ultrapassa 100% por causa de múltiplas respostas pelo mesmo respondente

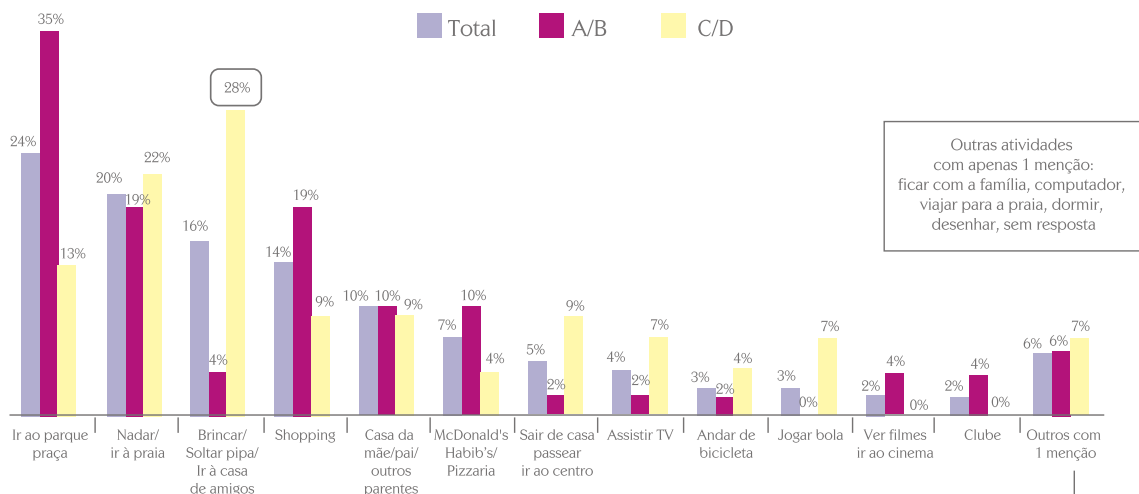
### As crianças: o que fazem? (estimulada: pergunta direta)

- Bastante evidente que atividades que envolvem custo financeiro não estão entre as das crianças de classe C/D
- Frequentar igreja - atividade que acontece “a reboque” dos adultos - é a que atinge a maior parte dessas crianças
- ...nessas famílias, parece, as atividades infantis contemplam as necessidades/interesses da família (dos adultos)



### As crianças: o que fazem? (espontânea: pergunta aberta)

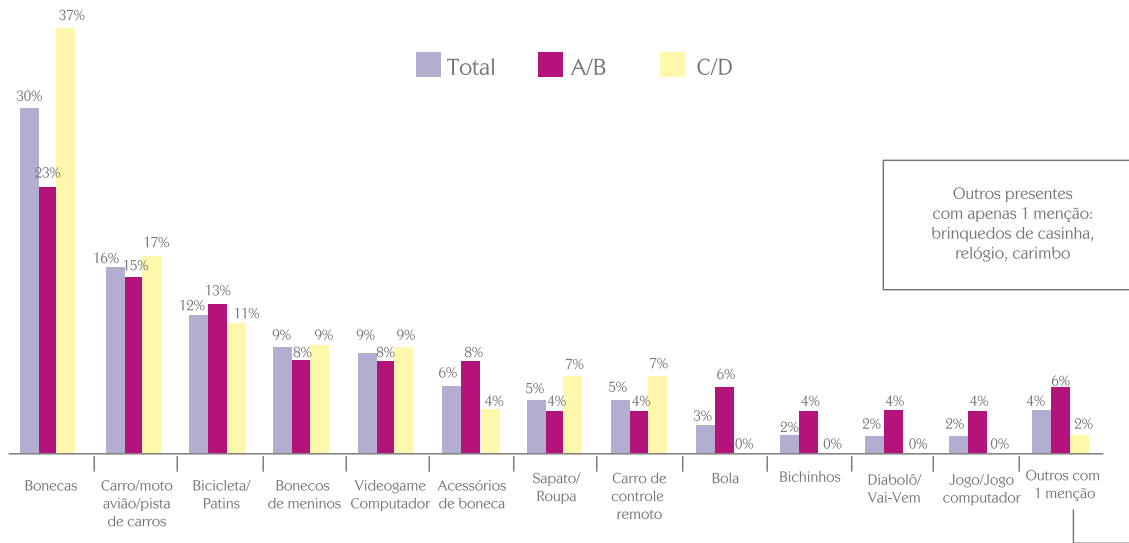
- Quando solicitadas a falar espontaneamente de suas atividades (“O que costuma fazer nos finais de semana?”), então se lembram de que brincam, vão à casa de amigos, soltam pipa, nadam, vão à praia
- A lembrança do “brincar” é claramente mais presente em crianças de classe C/D: quase um terço delas citou alguma atividade relacionada a “brincar” (28%)



A soma dos percentuais ultrapassa 100% por causa das múltiplas respostas pelo mesmo respondente

## As crianças: do que gostam? (espontânea)

- “Qual o presente mais legal que já ganhou?”
- Simplicidade e tradição nas preferências: boneca e carro são citados pela maioria, mas com mais intensidade na classe C/D



A soma dos percentuais ultrapassa 100% por causa das múltiplas respostas pelo mesmo respondente

## As crianças: “Como comemorou o último aniversário?”

- Enquanto a classe A/B fez festa de aniversário ou no mínimo um bolo com refrigerante e parabéns, para quase metade da classe C/D predomina o “dia normal”, ou seja, sem comemoração

